Acervo de Mortos e Desaparecidos

Dossiê: ...

Procedimento administrativo CEMDP: 73

Nome: Soledad Barret Viedma

Data de Nascimento: 06/01/1945

Status: Desaparecido

Biografia: Normal 0 21 false false false PT-BR X-NONE X-NONE

/* Style Definitions */ table.MsoNormalTable {mso-style-name:"Tabela normal"; mso-tstyle-rowband-size:0; mso-tstyle-colband-size:0; mso-style-noshow:yes; mso-style-priority:99; mso-style-parent:""; mso-padding-alt:0cm 5.4pt 0cm 5.4pt; mso-para-margin-top:0cm; mso-para-margin-right:0cm; mso-para-margin-bottom:10.0pt; mso-para-margin-left:0cm; line-height:115%; mso-pagination:widow-orphan; font-size:11.0pt; font-family:"Calibri","sans-serif"; mso-ascii-font-family:Calibri; mso-ascii-theme-font:minor-latin; mso-hansi-font-family:Calibri; mso-hansi-theme-font:minor-latin; mso-fareast-language:EN-US;}
Nascida no Paraguai, considerada uma mulher de rara beleza, Soledad era neta de um importante escritor, jornalista e intelectual paraguaio, nascido na Espanha, Rafael Barrett. Tanto o pai quanto o avô foram perseguidos por suas idéias políticas. Quando Soledad tinha apenas três meses de idade, a família fugiu do Paraguai para a Argentina, onde viveu por cinco anos, quatro dos quais o pai esteve preso ou perseguido, tanto pela polícia paraguaia quanto pela argentina. A família regressou ao Paraguai, mas voltou a se exilar com a implantação da ditadura Stroessner, agora no Uruguai. Nesse país, conforme conta sua irmã Namy Barret, Soledad foi raptada em julho de 1962, com 17 anos, por um grupo neonazista que a colocou em um automóvel e, sob ameaças, quis obrigá-la a gritar palavras de ordem contrárias às suas ideias. Por ter se negado, os raptores gravaram em sua carne com uma navalha a cruz gamada, símbolo do nazismo. Começou assim um ciclo de perseguições e prisões, evidenciando que, para a polícia uruguaia, Soledad de vítima passou a ser culpada. Decidiu deixar o país e seguiu para Cuba, onde conheceu o exilado brasileiro José Maria Ferreira de Araújo e militante da VPR conhecido como Araribóia ou Aribóia, desaparecido no Brasil

em 1970, com quem se casou e teve uma filha, Nasaindy de Araújo Barret. Soledad foi enterrada como indigente sem qualquer identificação no Cemitério da Várzea, em Recife. O cantor e compositor Daniel Viglietti, espécie de Geraldo Vandré uruguaio que ainda segue produzindo, cantando e apresentando seu trabalho em turnês mundiais, canta em todas elas a canção que compôs em sua homenagem, Soledad Barret. E o poeta maior daquele país vizinho, Mario Benedeti, também escreveu para ela um belo poema, Muerte de Soledad, com os versos: Con tu imagen segura Con tu pinta muchacha Pudiste ser modelo Actriz Miss Paraguay Carántula Almanaque Quién sabe cuántas cosas Pero el abuelo Rafael el viejo anarco Te tironeaba fuertemente la sangre Y vos sentias callada esos tirones Soledad no viviste em soledad Por eso tu vida no se borra Simplesmente se colma de señales

Local de morte/desaparecimento: Abreu e Lima (PE)

Organização política ou atividade: VPR

Data do Recolhimento da documentação física para o Arquivo Nacional:
06/08/2009

Filiação Mãe: Deolinda Viedma Ortiz

Filiação Pai: Alex Rafael Barret

Data do desaparecimento ou última vez que foi visto:
09/01/1973